SEMPRE PRONTO

Mensário Escotista • Agraciado com o "Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal

ANO XXIX • MAIO DE 1973 • N.º 337

Comp. • Imp.: Livraria Cruz — Braga • REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO Trav. Vitorino de Freitas, 9 — LISBOA-3 — Telef.: 636607

O ESCOTEIRO É!

To be or not to be, that is the question.

SHAKESPEARE

Por EDUARDO RIBEIRO

A observação atenta dos acontecimentos políticos e sociais dos nossos dias, confere à célebre frase de Shakespeare — *ser ou não ser* — toda a actualidade. Os escândalos da luta pelo poder; a revelação de que grandes potentados económicos procuram corromper instituições para manter a exploração de povos subdesenvolvidos; o beligerante que assina o armistício e promove a luta; o estadista que fala de paz e fomenta a guerra; o governo que condena o racismo e expulsa comunidades inteiras para se apropriar dos seus bens, são apenas alguns aspectos do clima em que vivemos. Esta é uma época de crise de confiança, onde tudo nos convida à incredulidade, à dúvida, sentimentos negativos que nos impedem de aceitar *a priori* afirmações que escutamos, especialmente quando são feitas em termos laudatórios ou exibindo rasgadas virtudes. Vêm-nos nesses momentos à memória as palavras que Cervantes coloca na boca do sensato Sancho Pança: *Nunca os ceptros e coroas dos imperadores farsantes foram de ouro puro, senão de ouropel ou folha de lata.* É exactamente na descoberta de que as pessoas e as coisas não são tantas vezes como afirmam ou parecem ser, que reside toda a angústia da situação de inverdade que caracteriza a vida social presente.

Este quadro é bastante grave. Primeiro, porque a confiança é elemento essencial nas relações entre os homens. Depois porque lança o descrédito sobre instituições ou sobre sentimentos exibidos, ao ponto do pudor quase nos inibir de afirmar patriotismo ou fé com justo receio de nos julgarem também candidatos a mais grossa côdea no banquete da vida.

Um criminoso nazi, recentemente descoberto e preso na América do Sul, escandalizou o mundo ao afirmar sem rebuço que se orgulhava da disciplina das odiosas forças SS e que se lhe fosse possível voltar ao passado e reiniciar a vida, não hesitaria em repetir tudo quanto fez. Se espanta o cinismo do sinistro carrasco de Lyon, onde se não vislumbra resquício de remorso, temos de reconhecer que aqui não há hipocrisia e não fica qualquer margem para dúvida acerca do que poderíamos esperar da acção deste homem se as forças do mal, que ele representa, conseguissem de novo alcandorar-se no poder.

Infelizmente, porém, nem sempre encontramos esta convicção, esta certeza, quando se expressam sentimentos positivos. Muitos afivelam a máscara da bondade, da generosidade, somente para alcançar certas vantagens. Não são menos criminosos porque atentam contra o Espírito, atraiçoam princípios que deveriam ser sagrados, semeiam confusão, dúvida e desconfiança.

Este infeliz ambiente não pode deixar de ter grave influência na educação da juventude que, surpreendida e confusa, inicia os primeiros passos na vida social. Restabelecer em sua volta o clima de verdade, de confiança, é tarefa que se impõe a mestres e educadores. Ainda aqui o Escotismo tem o rumo certo. Não encaminha deliberadamente o jovem por trilhos de opinião e crença, mas treina as suas aptidões, forma a sua personalidade no imperativo de uma Lei que simplesmente afirma que o Escoteiro é verdadeiro, é leal, é digno de toda a confiança. Aquele que efectivamente vincou o seu carácter nesta Escola não deixa qualquer lugar para opção entre o *ser ou não ser*, porque o Escoteiro é! Baden-Powell,

Continua na pág. 7

OS SESSENTA ANOS DO GRUPO DOIS



Dos três grupos que, há 60 anos, fundaram a Associação dos Escoteiros de Portugal, é o Dois o único que se pode orgulhar do feito, realmente digno de enaltecimento, de uma actividade constante através de tão dilatado período.

É certo que qualquer das três unidades tem historial famoso e por qualquer delas passaram escoteiros pelos quais o nosso Movimento sente orgulho. Mas o Um tem vários lapsos de actividade no seu passado e momentos de completo ocaso, enquanto o Três não é hoje mais do que uma saudade. Só o Dois tem mantido actividade ininterrupta, embora com naturais desníveis de intensidade.

Saudemos pois o Dois nos seus 60 anos de vida, agora comemorados com uma sessão em que vimos reunidos bom número de peritos e colaboradores de um dos ramos mais prestigiosos do Escotismo de hoje: o Escotismo de Extensão.

Na gravura, vemos a mesa que presidiu a essa sessão, a que neste número dedicamos a ampla reportagem que o acontecimento merece.

Uma excelente jornada Escotista

O «XVI Rali da Primavera» do C. N. E. foi igual a si mesmo em entusiasmo e vibração

Como vai sendo da tradição, a Junta Regional de Lisboa do C. N. E. realizou em 29 de Abril p. p., a sua actividade característica da «Semana Escoteira».

E, também como é já tradicional, o seu rali de trotinetas (lobitos) e carros de madeira (escoteiros) foi um verdadeiro êxito, renovando-se, assim, a jornada anual de maior propaganda do Escotismo a que Lisboa tem ocasião de assistir desde há alguns anos.

Efectivamente, só existem motivos para aplaudir o trabalhoso e dedicado esforço de quantos trabalham para repetir anualmente uma actividade tão interessante que empolga centenas de garotos e atrai ao arruamento lateral do Parque Eduardo VII uma verdadeira multidão de curiosos que vibra com o entusiasmo dos pequenos condutores, que põem na execução e tratamento das suas «máquinas» todo o engenho e sentido artístico.

Quanto à ficha técnica da competição, registámos este ano um maior cuidado na «construção» dos «bólides», onde a fantasia deu lugar à robustez e à «técnica», observando-se uma nítida preocupação das «marcas» em obter maior «velocidade» e «segurança», em resultado do que se verificou um menor número de despistes e «acidentes espectaculares», se bem que algumas «máquinas» não tivessem sequer conseguido arrancar do local da partida. Mas isso são precalços que acontecem também nas mais afamadas competições automobilísticas e em nada ficou diminuído o excelente trabalho de equipa realizado por toda a patrulha.

Numa competição, mesmo entre escoteiros, aspira-se sempre à vitória. Mas nem só aqueles que ganham são os vencedores! Vencedores são todos aqueles que se esforçam por estar presentes e lutam lealmente por obter o melhor resultado do seu esforço, vendo nos demais, não adversários, mas *companheiros*.

Saudamos pois os vencedores do XVI Rali da Primavera.

*

A competição que se disputa durante a tarde é ainda motivo para a confraternização de algumas centenas de escoteiros e lobitos que, desde manhã cedo, começam a reunir-se sob as frondosas árvores do Parque, enchendo de alegria e animação a primavera do jardim mais central de Lisboa, onde habitualmente os automóveis substituem as crianças e os barulhentos escapes fazem calar os trinados da passarada.

Um dia em cada ano, o Parque encontra-se verdadeiramente com centenas de crianças e estas dão verdadeiro significado à existência dos jardins.

A Natureza encontra-se e completa-se...

Ao entardecer, um só sinal que nos leva a um pequeno reparo, que não envolve qualquer responsabilidade aos organizadores, mas... ao findar a actividade verificam-se demasiados papéis e outros detritos por sobre as placas do Parque, onde até existem, em razoável número, recipientes para lixo.

Ainda que não possa apontar-se aos escoteiros a responsabilidade de toda aquela «poluição», não seria possível que estes terminassem o seu DIA com uma «Boa acção», procedendo à limpeza daquela área?

Cremos que esta seria mais uma oportunidade de demonstrar o valor do Escotismo.

M. G.

Rotary Clube do Porto

Uma sessão dedicada ao Guidismo

No fim do mês de Abril passado, neste clube rotário do Porto, o Guidismo foi o assunto da palestra do dia. Presidiu o Rev. Albert Aspey e a sr.ª D. Margarida Nogueira falou de «Guidismo — Movimento feminino do Escotismo». A oradora referiu o início do movimento feminino, falou das suas finalidades, acentuando que o movimento é simultaneamente um jogo, um clube, uma família, mas acima de tudo um caminho que orienta e um serviço que se preocupa com o próximo.

Referiu-se ainda ao desenvolvimento que o Guidismo tem tido no Norte, graças ao espírito dinâmico da Sr.ª D. Cora D. Aspey, que tem sido o verdadeiro pilar do guidismo com o seu entusiasmo e o seu saber.

A oradora terminou a sua palestra, lendo a última mensagem de Baden-Powell, após o que um grupo de guias entoou algumas canções.

Companhia de Guias «Rainha Santa Isabel»

Lamentamos informar os nossos leitores que este simpático agrupamento de Guias da cidade de Porto suspendeu a sua actividade, por força do regulamento da Associação dos Guias de Portugal. De facto, a Companhia viu o seu efectivo reduzido a apenas cinco guias. Esperamos que dentro em breve possamos ver esta unidade de novo em acção, com o seu efectivo completo.



HÁ 20 ANOS

"SEMPRE PRONTO"

PUBLICAVA:

O «Pow-Wow» do Velho Lobo

Meus rapazes, meus Irmãos: forçoso é terminar. Durante meses, neste canto obscuro, comentei para vós a Lei, procurando chamar a vossa atenção para a essência desses princípios admiráveis nela encerrados. Escutastes-me atentamente, mas talvez não me tenhais compreendido por completo. Eu venho da primeira geração dos Escoteiros de Portugal, daquela que, quando se disparavam os primeiros tiros da I Grande Guerra, vestia com orgulho pela primeira vez a sua farda. Venho dos tempos heróicos do Escotismo em Portugal. Como isso já vai longe!... Outras gerações chegaram à vida. Outras, que então não eram nascidas, entraram a palmilhar a longa estrada, na «senda da guerra». Mas para as gerações novas, para a vossa, para aquelas que não viveram as horas luminosas do nascimento e progresso do Escotismo português, somos incompreendidos. E somo-lo — ai de nós! — porque no nosso tempo de rapazes ainda se acreditava no Homem. Outros ideais atraíram os novos, e o escotismo passou a considerar-se uma «infantilidade», própria só de crianças, mas não já das crianças deste meado de século.

Há, pois, que refazer toda a obra, com o mesmo entusiasmo, com a mesma esperança ansiosa de então. Os «Velhos» estão já velhos, mas nos seus, nos nossos corações arde a mesma chama que ardeu no passado e jamais se extinguirá, porque ONCE A SCOUT, ALWAYS A SCOUT («uma vez escoteiro, escoteiro para sempre»). Vós sois os continuadores desses que no passado orgulhosamente vestiram o uniforme dos pequeninos estafetas de Mafeking, e ainda hoje o fariam se fossem chamados às fileiras. Podeis vós refazer a obra esquecida? Quereis vós fazê-lo? A juventude, dizem, é sempre generosa; por isso eu creio em vós. O simples facto de estardes aqui a ouvir-me diz-me que vós tendes dentro de vós a mesma chama, embora ardendo baixa. É preciso reavivá-la. E se para isso precisais de auxílio dos «velhos», eles aqui estão para vos amparar, aconselhar e seguir.

Ide, pois. E que nesta hora da despedida, que espero não seja definitiva, que vos acompanhem as bênçãos dessas almas, generosas, de escoteiros que tombaram no caminho, como as dos que, ainda vivos, não desertaram do seu posto pactuando com as novidades e os princípios do anti-Homem.

Boa caça, camaradas!

O VELHO LOBO NEGRO DO NORTE

E. C. D.

Joaquim Manuel C. S. Raposo

Este nosso estimado assinante, chefe de tribo do Grupo n.º 40, do Lobito, acaba de fixar residência em Lisboa e teve a gentileza de nos visitar para apresentar cumprimentos, o que constituiu para nós uma grata oportunidade de o conhecer pessoalmente, pelo que lhe estamos muito agradecidos. O Chefe Raposo já se apresentou nos Serviços Centrais dos Escoteiros de Portugal, oferecendo os seus serviços.

ANTIGOS ESCOTEIROS

1950

O 23.º Aniversário da Fraternal

A Direcção da Fraternal dos Antigos Escoteiros não quis deixar de assinalar a passagem de mais um aniversário e assim organizou um pequeno programa que desse azo à confraternização entre os seus componentes.

No dia 11 de Março, iniciou-se a comemoração com o içar das bandeiras nacional e da Fraternal na sede, logo de manhã, cerimónia em que colaboraram os companheiros Xavier de Brito, Ernesto Clímaco do Nascimento e José Fernando Marinho.

No dia 14, à noite, e também na sede, o presidente da direcção, nosso prezado companheiro Dr. Eugénio Henrique Ramos, proferiu uma palestra sobre Direito, em que referiu os princípios doutrinários desta ciência, as suas origens, os seus caracteres, a noção de norma jurídica, as fontes de direito, a interpretação das leis, os tribunais, os juízes, etc., ilustrando a sua exposição com a exemplificação de casos concretos. Esta reunião despertou o entusiasmo do infelizmente pequeno auditório, que mostrou grande interesse no prosseguimento da explanação deste sempre actual tema.

No domingo seguinte, dia 18, realizou-se no Parque de Escotismo da Caparica um almoço de confraternização em que estiveram presentes mais de 50 pessoas.

Não se realizou a anunciada Exposição Filatélica, a qual todavia ficou adiada para o próximo mês de Setembro, em que se comemorará os 60 anos da AEP, exposição que será efectuada nas sedes do Grupo 23 e doutro grupo da Capital. Para o efeito, foi constituída uma comissão composta pelos companheiros E. C. Justino Estêvão da Silva e José Manuel Miranda de Melo.

O Aniversário da AEP

Já foi autorizada superiormente a emissão de uma vinheta comemorativa dos 60 anos dos Escoteiros de Portugal, a qual será realizada pelos Serviços Centrais em colaboração com a Fraternal dos Antigos Escoteiros.

Junta Regional do Porto do C. N. E.

Uma nova direcção preside aos destinos da Junta Regional do Porto do Corpo Nacional de Escutas e é constituída pelos seguintes dirigentes:

Chefe Regional: *Ângelo Ferreira de Figueiredo;* Assistente Regional: *P.e Adelino Moreira da Assunção;* Secretário Regional: *Narciso da Silva Carvalho;* Tesoureiro Regional: *Luís Gonzaga Silva Magalhães;* Adjunto de Chefe Regional: *Jorge de Almeida;* Secretário-Adjunto Regional: *José Campos de Sousa;* Tesoureiro Adjunto Regional: *Fernando Coelho de Amorim;* Instrutor Regional: *Manuel António Rocha Espassandim;* Instrutor Regional: *Humberto da Costa e Silva;* Instrutor Regional: Arlindo Joaquim Pinto da Fonseca.

MAIS ASSINANTES



Temos o grato prazer de dar as boas-vindas a mais quatro novos assinantes: srs. Rev. P. Fernando Vieira Lopes, de Novo Redondo, Angola; Rui Cavaco, de Olhão, proposto pelo guia José António da Silva; Mário Coelho P. Leonardo, de Portimão, e Marçal de Sousa Lopes, este patrocinador, propostos pelo nosso estimado amigo sr. António de Jesus Brito, de Olhão. A todos o nosso «muito obrigado».

ADMINISTRAÇÃO

Alguns dos nossos estimados assinantes têm a cativante simpatia de nos remeter o valor de sua assinatura, poupando-nos a despesa de cobrança. Agradecemos esta atenção aos amigos srs. Alberto Cerqueira, de Moçambique; D. Maria do Carmo Martins, de Lisboa; Renato Ferrão, do Sabugal; António Aleixo, da Beira, Moçambique.

O nosso antigo e dedicado assinante sr. Gustavo Pereira da Costa, antigo escoteiro do Grupo 3, enviou-nos 100$00, quantia adicional da sua assinatura com que anualmente deseja contribuir para auxiliar a difusão de «S. P.». Obrigado pela oferta e, sobretudo, pela simpatia.

DO ENTRONCAMENTO

Acampamento da Páscoa

Aproveitando as férias da Páscoa, alguns escoteiros do Grupo 84, dirigidos pelo Chefe de Tribo, permaneceram quatro dias em Santa Margarida. Aplicaram a sua actividade em trabalhos de pioneiro, tendo construído uma torre de vigia. Dedicaram-se também a escavações, tendo descoberto uma adega que estava soterrada. Conseguiram descobrir e pôr à vista os tanques de vinho, a mó e porta de entrada. Trouxeram como recordação uma bica e uma pedra por onde corria o vinho.

V. V.

O 50.º aniversário do Escotismo em Modena — Itália

Foi em 12 de Setembro de 1922 que Umberto Bandieri e Alfredo Borsari lançaram os fundamentos do Escotismo nesta cidade do norte de Itália, que em poucos anos se desenvolveu, alargando-se a milhares de rapazes e de raparigas-guias em toda a província. Vieram depois os anos da ditadura fascista, tendo o Escotismo sofrido toda a sorte de vexames e perseguições. Mas todos permaneceram fiéis à Promessa, mantendo secretamente os laços de amizade. Após a guerra, todos os velhos escoteiros voltaram à actividade, reabriram as antigas sedes, e hoje os cantos escoteiros ressoam novamente nos belos vales alpinos, esforçando-se todos por deixar este mundo um pouco melhor do que o encontraram.

Os Escoteiros de Modena comemoraram recentemente o 50.º aniversário com diversas cerimónias, tendo editado um sobrescrito filatélico com marca do dia.

COMO CRIAR UM DELINQUENTE

DEZ MANEIRAS FÁCEIS

1.º — Comece na infância a dar ao seu filho tudo o que ele quiser. Assim, quando ele crescer, acreditará que o mundo tem obrigação de lhe dar tudo o que deseja.

2.º — Quando ele proferir nomes feios, ache graça. Isso o fará considerar-se interessante.

3.º — Nunca lhe dê orientação religiosa. Espere até que ele chegue aos 21 anos e decida por si mesmo.

4.º — Apanhe tudo o que ele largar no chão: livros, sapatos, roupa. Faça tudo por ele, para que aprenda a lançar sobre os outros toda a responsabilidade.

5.º — Discuta, com frequência, na presença dele. Assim, não ficará muito chocado quando o lar se desfizer mais tarde.

6.º — Dê-lhe todo o dinheiro que ele quiser. Nunca o deixe ganhar o seu próprio dinheiro. Por que terá ele de passar as mesmas dificuldades por que você passou?

7.º — Satisfaça todos os seus desejos de comida, bebida e conforto. Negar algum, pode acarretar frustações prejudiciais.

8.º — Tome o partido dele contra vizinhos, professores, polícias, etc. (todos têm má vontade para com o seu filho).

9.º — Quando ele se meter em alguma encrenca séria, dê esta desculpa: «NUNCA CONSEGUI DOMINÁ-LO »

10.º — Prepare-se para uma vida de desgostos. É o seu merecido destino.

De «O Guia» — Brasil

PÁGINA DO ESCOTEIRO



INSÍGNIA DE CAMPISTA

(Continuação)

9.° Fazer um relatório pormenorizado e ilustrado com desenhos ou fotografias dum destes acampamentos.



Um relatório de acampamento ou de outra qualquer actividade tem que ser um documento que sirva para consulta e que, portanto, elucide sobre o local e quais as vantagens, desvantagens e características do mesmo.

Há que indicar no relatório, além dos acontecimentos ocorridos no acampamento, as seguintes referências:

— A quem pertence o terreno ou a quem se deve pedir autorização para acampar.

— Quais as estradas e caminhos que servem o acampamento.

— Quais os meios de transporte para chegar ao local ou às proximidades.

— Onde se localiza a água potável e os locais para banhos e latrinas.

— Se há autorização do proprietário do terreno para fazer fogueiras.

— Qual o médico, farmácia ou posto de socorros mais próximos do campo.

— Quais os meios de comunicação (tais como telefone, telégrafo, correios, etc.) mais próximos do campo e as respectivas horas de funcionamento.

— Local onde se podem adquirir víveres.

Depois de abordados no relatório os pontos indicados, é necessário executar um esboço do local, devidamente orientado, onde sejam assinalados os principais pontos de referência.

Também é bom sistema desenhar-se uma série de panorâmicas do local onde se fixou o acampamento, com o auxílio de um visor quadriculado, o que permitirá passar para um papel, com quadrados de 2 cm. de lado, os vários pontos que se vão observando.

Se utilizarmos máquina fotográfica, não devemos apenas limitar-nos a poses de grupinhos bonitões, mas, sim, fotografar assuntos interessantes da natureza, tais como; flores, árvores, rochas, animais, panoramas, etc.

Trabalhos sobre medições de altura de pontes, moinhos e castelos, ou largura de rios e ribeiros, devem também constar do relatório.

No livro da 1.ª classe que « Sempre Pronto » editou, são tratados pormenorizadamente os processos de avaliação de distâncias e forma de se executar relatórios. Será bom que dês uma vista de olhos por esses assuntos.

(Continua)

GALHARDETES
DECALCOMANIAS
AUTO-COLANTES...

Executamos rapidamente, com os excelentes requisitos da moderna técnica, todos os trabalhos em galhardetes, decalcomanias, auto-colantes, postais ilustrados, e ainda toda a gama de trabalhos gráficos em **off-set**.

AOS GRUPOS DE ESCOTEIROS, OFERECEMOS:

— Descontos especiais.
— Orçamentos grátis.
— Desenhos de verdadeiro cunho escotista, executados por conhecido ilustrador.

NÃO PERCA TEMPO... CONSULTE-NOS !

ESTAMINÉ
Estúdio de Arte Comercial
Rua de Pedrouços, 17-Cave, LISBOA-3 — TELEFONE 610824/640449

OS 60 ANOS DO GRUPO N.º 2 DOS ESCOTEIROS DE PORTUGAL

COLÓQUIO SOBRE ESCOTISMO DE EXTENSÃO NA CASA PIA DE LISBOA

É necessidade premente que os dirigentes escoteiros trabalhem de mãos dadas com directores, professores e técnicos dos diversos ramos de deficientes, sem o qual o seu trabalho de nada valerá, afirmou o Dr. Correia de Barros, provedor da Casa Pia de Lisboa.

No passado dia 29 de Abril, pelas 16.30 h., realizou-se na Secção Nuno Álvares Pereira, da Casa Pia de Lisboa, um colóquio sobre o escotismo e a sua extensão aos deficientes.

Boa e escolhida assistência enchia a sala e também numerosos escoteiros do Grupo n.º 2 e secções e ainda vários dirigentes de grupos da Capital.

A mesa de honra, presidida pelo sr. professor Carlos Pinto Ascensão, técnico especializado e director do Instituto Jacob Rodrigues Pereira, era composta ainda pelo sr. professor Mário Jorge, do Instituto Branco Rodrigues, menina Ester Madeira, Sr.ª D. Noémia Brito, assistente de deficientes visuais, sr. Luís de Matos, chefe do Grupo n.º 21, Sr.ª D. Aida Roque, assistente de deficientes mentais, sr. Madeira Leitão, chefe do Grupo n.º 2, Sr.ª D. Elsa Viegas, professora especializada de surdos-mudos, e sr. Afonso Santos, professor de educação física.

Abriu a sessão o presidente da mesa que, após ter agradecido a presença dos assistentes, leu uma palestra intitulada «A importância do escotismo na educação em geral e na educação dos deficientes em particular», a qual publicamos noutro local.

Depois da leitura da sua palestra, fez a seguinte exortação: «Temos aqui pessoas que, recorrendo à sua experiência neste campo, poderão concretizar ou dar uma outra dimensão aos conceitos, um tanto vagos que acabo de expor. Algumas delas passando horas a trabalhar com deficientes, sem que ninguém lhes pague, dão-nos um magnífico exemplo de voluntariado social que desejaríamos ser extensivo a outros campos de trabalho».

Seguiu-se, então, o colóquio entre as pessoas que compunham a mesa, sendo moderador do mesmo o prof. Carlos Ascensão. Porém, antecedendo o colóquio, o sr. Madeira Leitão historiou, em breves palavras, o início do escotismo de extensão em Portugal. Foram depois propostas pelo presidente da mesa três perguntas para serem debatidas: a aceitação do escotismo por parte dos deficientes; as dificuldades encontradas no trabalho; e os resultados obtidos.

Em primeiro lugar, tratou-se do problema dos deficientes cegos. Foi dada a palavra ao sr. professor Afonso Santos.

Prof. A. S.: — «Embora não tendo conhecimentos de escotismo, acho que os rapazes aceitaram bem a ideia de serem escoteiros. Dificuldades, com certeza que as houve, pois naturalmente é difícil trabalharmos sem saber o que é a falta de um dos sentidos. Começámos, pois, a lidar com os cegos como se fossem rapazes normais, colocando de parte a ideia de que não viam e tratando-os, por isso, da mesma forma que aos outros. Não trabalhei em escotismo, mas sim na parte de preparação física e verifiquei que toda a actividade, da chamada normal, se consegue fazer com os cegos. Desta forma, eles conseguiram correr no ginásio, saltar plintos, subir por cordas, etc. Como resultado final, verificámos que os rapazes ficam com mais consciência e mais à-vontade para agir futuramente».

Prof. C. A.: — «Talvez o professor Mário Jorge, nos queira dar uma achega sobre o trabalho escotista»...

Prof. M. J.: — «Acho que a actuação que o professor Afonso Santos teve com os rapazes foi duma grande utilidade. Eu, como cego, não tenho tido dificuldades na vida. Tenho-me deslocado sozinho várias vezes ao estrangeiro e nunca tive a mínima preocupação.

Quanto aos rapazes cegos, vejo que o escotismo lhes proporciona resultados positivos. Porém, noto com tristeza que necessitamos de uma casa melhor para que esta obra se desenvolva. Não temos, na nova casa, espaço; há falta de um recreio para a rapaziada se expandir e só levando os rapazes para o campo se conseguem bons resultados».

Chefe Madeira: — «Conte alguns resultados obtidos pelo escotismo...»

Prof. M. J.: — «O rapaz cego, quando vai para o Instituto, sente-se apagado, porque normalmente não tem preparação familiar adequada.

No Instituto ele desenvolve-se e eu considerei nas minhas aulas que, aqueles que eram escoteiros, estavam na vanguarda em relação aos não escoteiros. Quer dizer, acho que o escotismo lhes abriu novos perspectivas».

Prof. C. A.: — «Agora que ouvimos os técnicos, vamos dar a palavra aos chefes de escoteiros».

Chefe Luís Matos: — «Confesso que, quando fui convidado a meter-me no assunto, nada sabia sobre cegos e tive de usar de minha imaginação e improvisação para aplicar os métodos escotistas. Verificámos que os rapazes aderiram com tal entusiasmo que executaram toda a espécie de provas pedidas. Para exemplo, posso falar duma experiência teatral que realizámos. Foi necessário, é certo, corrigir algumas expressões cénicas, mas a assistência ficou na dúvida se os artistas eram realmente cegos.

«O sistema de patrulhas foi bem aceito por eles e fizeram-se amigos de verdade, actuando como verdadeiras equipas. Muitos dos rapazes já não são escoteiros, mas passados 7 ou 8 anos de trabalho consecutivo, muitos deles ainda nos procuram para se aconselharem em diversos assuntos».

Menina Ester Madeira: — «Trabalhei com lobitos cegos.

Falou-se ainda há pouco de que os resultados no escotismo só apareciam a longo prazo, mas eu verifiquei-os quase imediatamente. As crianças cegas são consideradas em casa como peças muito delicadas a quem se faz todas as vontades e vêm para o Instituto muito atrasadas. Nos jogos que realizámos, como muita coisa se modificou em pouco tempo, ficaram admiradas por conseguirem fazer coisas que julgavam impossível...»

DEBATE-SE O ESCOTISMO NOS DEFICIENTES ATRASADOS

O professor Carlos Ascenção mudou o assunto para os deficientes atrasados e pediu a opinião da sr.ª D. Aida Roque.

A. R.: — «Preocupada com a integração dos atrasados na família e na sociedade, lembrei-me de que um bom elemento de integração em ambos os casos seria o escotismo. Fui, portanto, há cerca de cinco anos, o elo de ligação entre o Instituto e os chefes de escoteiros interessados no escotismo de extensão. Do trabalho que se realizou, compreendi que é fundamental a cooperação entre a equipa técnica do Instituto e a equipa escotista para que possa haver resultado positivo. Sobre os resultados obtidos com o método escoteiro aplicado aos deficientes mentais, os chefes escotistas é que poderão dizer algo sobre o assunto, uma vez que os rapazes saem da Instituição para irem fazer o seu programa nos grupos».



Aspecto parcial da assistência, vendo-se ao centro, o Dr. Correia de Barros, provedor da Casa Pia de Lisboa

Prof. C. A.: — «Os resultados não são fáceis de dizer, neste momento, uma vez que só passados alguns anos se nos pode deparar alguma coisa da obra agora executada».

Chefe M. L.: — «Bom, muita coisa se pôde apurar em pouco tempo, uma vez que, em determinada altura, na Instituição, toda a equipa dirigente, vigilante, etc., optava pelo método e se tinha feito escoteira. Por outro lado, verificámos que o campo atrai e acalma muito os atrasados, pois, numa ocasião em que eles vieram bastante excitados para a sede, bastou fazer-se um exercício de pistas e obstáculos para que todos voltassem à normalidade. O escotismo também proporciona, na ge-

Continua na pág. 8



GRUPO N.º 2

II Exposição Filatélica

Nos dias 4 a 6 de Maio este grupo teve patente, na sua sede, a II Exposição Filatélica de sua organização.

Na exposição, que constou de temática escotista e temática variada, apenas figuraram colecções organizadas pelos escoteiros do grupo.

No dia 6, foi montado na sede um posto dos C. T. T. que vendeu selos e apôs carimbos do dia alusivos à exposição.

O certame, que se encontrava simples mas bem apresentado, foi visitado por muitas dezenas de pessoas, orientadas pelos escoteiros do grupo que lhes prestaram as informações necessárias.

A. I.

ESCOTISMO E ESPERANTO

O jornal Ecos de Alenquer *publicou num dos seus números um relato de várias actividades esperantistas levadas a efeito durante o ano de 1972, trabalho da autoria do antigo escoteiro sr. Eduardo Almeida Trindade.*

Este artigo, de muito interesse, termina com uma referência à Jornada Escotista Luís Simões Aurélio que, com a devida vénia, transcrevemos:

«Encerramos estas notas com um apontamento do que foi em 72 mais uma manifestação esperantista, melhor dizendo, manifestação escotista-esperantista porque o fulcro de tal actividade se verificou e constituiu programa do Grupo n.º 19 dos Escoteiros de Portugal (Pontinha), Lisboa, no qual foi criada já há algum tempo uma secção esperantista onde jovens escoteiros de ambos os sexos se dedicaram com afinco ao estudo do Esperanto com interesse e aproveitamento dignos de registo, tendo sido motivo principal da citada actividade do Grupo 19 a homenagem prestada a Luís Simões Aurélio, saudoso elemento que ao Escotismo e ao Esperanto foi extraordinariamente dedicado e por isso mesmo designado merecidamente patrono da referida secção esperantista, a servir de benéfico exemplo aos jovens escoteiros-esperantistas da secção que constitui o primeiro passo para a introdução do esperanto no movimento escotista português, o qual virá a ter no plano internacional a sua integração no organismo designado «Internacia Skolta Ligo» (Liga Internacional dos Escoteiros Esperantistas) que conta milhares de jovens filiados de todo o Mundo.»

Amigos em toda a parte

O Escoteiro José João Alves Sara, Rua da Feira, n.º 59, em Olhão, deseja trocar correspondência com escoteiros da Metrópole, do Ultramar ou do estrangeiro, para troca de ideias, distintivos ou outros objectos escoteiros.

Corrigenda

Um pequeno acidente (troca de provas) impediu que fossem feitas diversas emendas nos textos publicados no último número. Neste lapso, de que nos penitenciamos, está a origem dalgumas gralhas que os nossos leitores certamente não deixaram de observar. Acontece que os trabalhos mais afectados foram, infelizmente, os da autoria do nosso mui estimado colaborador e amigo sr. Rev. Eduardo Moreira, que, com a sua bondade e indulgência habituais, nos chama a atenção para o facto, dizendo-nos:

«*Há uma emenda que eu desejaria que se fizesse na poesia publicada:* salgaram *a batalha do Salado! (1340) onde o nosso Afonso IV ajudou o seu homónimo de Castela, Afonso XI. Os outros pequenos erros no artigo,* fragâncias *por* fragrâncias, *e* vem sido *por* vem sendo, *creio que escapam, e se falo neles é por amor à* rapaziada.»

Outra emenda que merece ser feita é a dos endereços para onde devem ser enviadas, no Ultramar, os boletins do Concurso Interpatrulhas 1973, que são os seguintes: Luís A. Mateus Baptista (Caixa postal 5155 — Luanda), ou Alfredo Cruz Rodrigues (Caixa postal 5 — Dondo — Moçambique). Também no cabeçalho aparece *Ano XXX,* quando deveria ser *Ano XXIX.*

Contamos com a compreensão dos nossos prezados colaboradores e leitores quanto à ocorrência destes lapsos.

DE SANTARÉM

O agrupamento 52 do CNE comemora 25 anos de existência

Os escoteiros de Santarém estão em festa, em virtude de o seu agrupamento — o simpático 52 — estar a comemorar as suas *bodas de prata.*

O acontecimento não podia deixar de ser assinalado e, assim, durante o mês em curso o 52 levou a efeito as seguintes actividades:

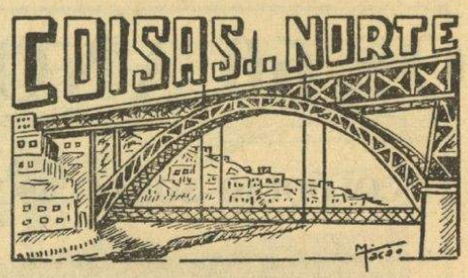
No dia 19: recepção a todos os visitantes em todas as entradas da cidade e montagem de tendas para os que quisessem pernoitar. *À noite:* grande fogo do conselho, na cerca do Seminário.

No dia 20 (domingo): De manhã, missa na Igreja de Santa Clara. Almoço de confraternização entre antigos e actuais escutas. À tarde: II Grande Prémio Baden-Powell, destinado a carros de madeira, sem motor, seguido da distribuição dos prémios deste concurso e da sessão de despedida.

Esperamos que estas actividades tenham tido o êxito que o 52 tanto merece. Os votos de *boa caça!* e de longa vida a esta dinâmica unidade escotista e a todos os seus escoteiros.

Dos Amigos de «Sempre Pronto»

Mudança de residência — O nosso estimado assinante sr. Renato Ferrão, antigo dirigente escoteiro, transferiu a sua residência de Lisboa para o Sabugal. E o igualmente nosso estimado assinante sr. Domingos Francisco Veloso, de Lisboa, ex-director do Grupo 93, de Sintra, mudou-se para Matacães, Torres Vedras. A ambos desejamos felicidades.



Comemorações do dia de S. Jorge

O Dia do Escoteiro, que passa, como sabemos, em 23 de Abril, foi comemorado no domingo seguinte pelos escutas do Norte. De manhã, os escutas reuniram-se na Praça Velasquez. Nas instalações do Centro de Formação Profissional Acelerada n.º 2, no Bairro do Cerco, houve uma assembleia de caminheiros, uma concentração de lobitos e uma reunião de dirigentes e antigos escutas. No mesmo local, foi depois celebrada missa, na qual estiveram presentes, além dos escutas do Norte, alguns escoteiros dos Grupos 17, 41 e 91 da A. E. P. O Chefe do Núcleo de Vila Nova de Gaia, sr. Arnaldo Eduardo Couto, foi convidado pelo Chefe Nacional do C. N. E., sr. Eng.º José Paulo de Lencastre, para lugar de honra, como representante dos Escoteiros de Portugal.

A tarde, no mesmo bairro, realizou-se o I Rali de S. Jorge, corrida de carros de madeira, a que assistiu numeroso público. Foram 22 carros concorrentes que disputavam uma prova de elegância, outra de obstáculos (gincana) e por fim uma prova de velocidade. Esta última, revestiu-se de aspectos muito engraçados, já que alguns dos «bólides» concorrentes não resistiram à «dureza» da corrida e foram-se desintegrando. A prova de elegância foi ganha pela Patrulha Leão, da Sé, ficando em segundo lugar a Águia, de S. Mamede de Infesta. A prova de obstáculos foi ganha pela patrulha Castor, de Ermesinde, seguida pela Leão, de Santo Ildefonso. A prova de velocidade foi atribuída às patrulhas Águia, do Cerco; Elefante, de Fânzeres; Águia, de Santo Ildefonso; Falcão, de Vilar do Paraíso, e Leão, de Santo Ildefonso.

No final, foram distribuídos prémios aos vencedores.

PALAVRAS SENSATAS

O Exemplo das Formigas

Da Ordem de Serviço n.º 4/73 do Grupo n.º 8 dos Escoteiros de Portugal transcrevemos:

Não há nenhum escoteiro que não se tenha quedado a observar as formigas.

Formam carreiros, vão e vêm, sempre «comunicando» umas com as outras. Quando uma encontra um pequeno insecto, enorme para ela, e não o consegue arrastar, logo as outras vêm em seu auxílio... duas, três, cinco, dez... e todas puxam.

E, por maior que seja o bichinho, vocês vê-lo-ão deslocar-se lentamente.

Reparem que todas comunicam e todas puxam.

Nas patrulhas tem de ser assim: o Guia puxa, mas os escoteiros da patrulha não podem ficar a olhar... O TRABALHO É DE TODOS.



João Maria Magalhães Ferraz

No dia 22 de Abril p. p., faleceu o antigo dirigente escotista sr. João Maria Magalhães Ferraz.



Este nosso companheiro iniciou a sua carreira escotista na década de vinte nos antigos Escoteiros Municipais, tendo, mais tarde, pertencido ao Grupo 2 e, posteriormente, ao Grupo 85, quando do seu funcionamento como unidade do ramo marítimo. Foi ainda chefe ajudante do Grupo 9 e chefe administrativo do mesmo Grupo e do 2 e 79. Fez também parte, com os E. C. Franklin de Oliveira, Amâncio Salgueiro Jr. e Madeira Leitão, de uma comissão técnico-pedagógica dos Escoteiros de Portugal. Ao abandonar a chefia do 85, ficou adido à Chefia Geral da nossa Associação, tendo prestado provas para escoteiro-chefe diplomado em 1945-55, em que obteve aprovação.

Agraciado com a comenda da Ordem da Benemerência pelo seu trabalho à frente das corporações de Bombeiros Voluntários da Ajuda, Amadora, Linda-a-Velha e Algueirão — Mem Martins, possuía ainda a medalha de ouro do Jubileu dos Escoteiros de Portugal e numerosas outras condecorações com que foi distinguido pelos bombeiros, Cruz Vermelha e Instituto de Socorros a Náufragos. Desempenhou ainda cargos administrativos e paramilitares.

À família enlutada, apresentamos as nossas condolências.

Grupo N.º 8 dos Escoteiros de Portugal

Em foco na imprensa

A chefia deste grupo concedeu, no dia 14 de Março, uma interessante entrevista ao jornal diário «República», onde foram expostos, com clareza e saber, os condicionamentos do trabalho escotista dentro de um grupo e também os problemas inerentes ao escotismo e a sua recepção pela juventude.

*

— Pela ordem de serviço n.º 2/73, pudemos saber que foram concedidas pelos Serviços Centrais da A. E. P. as medalhas de Dedicação e Bons Serviços e de Mérito aos srs. Fernando de Almeida Figueiredo e João Constantino, respectivamente secretário e chefe de grupo.

«*Sempre Pronto*» alia-se a essa justa homenagem, fazendo votos de que esses dois grandes obreiros do escotismo continuem por muito anos o seu laborioso trabalho naquela prestigiosa unidade.

O ESCOTEIRO É!

Continuação da pág. 1

aconselhando os dirigentes recomenda: *A mais importante das coisas que o chefe deve ensinar aos seus rapazes é fazer-lhe compreender e adquirir o sentimento da honra.* E falando aos rapazes, afirma-lhes: *Um homem de honra merece ser sempre acreditado. (...) Por isso o Escoteiro deverá sempre estimar a sua honra como o bem mais precioso.* O Escotismo é efectivamente uma escola de confiança e o maior serviço que ele pode prestar à comunidade é entregar-lhe jovens adestrados a servir, responsáveis, cuja palavra mereça toda a confiança. Tão importante tarefa merece bem a consagração de todos aqueles que trabalham pela difusão do Escotismo.



Grupo N.º 6 — Olhão

Exposição Bibliográfica Escotista

Em 24 e 25 de Fevereiro passado, efectuou-se na sede deste Grupo uma Exposição Bibliográfica, que despertou o interesse de numeroso público que a visitou.

Entre os visitantes, contou-se o sr. Presidente da Câmara Municipal de Olhão, antigo escoteiro, que foi acolhido com saudações escoteiras dos rapazes do seu antigo grupo.

Excursão

A chuva algarvia, pela primeira vez no ano, saudou os rapazes do 6 e 77 (Faro), que no dia 11 de Março seguiram estrada fora a caminho da Mata de Santa Rita, entoando alegremente as suas habituais canções, enquanto apreciavam os belos panoramas. Quando inesperadamente começou a chover, os garbosos rapazes não perderam o entusiasmo: cobriram-se com os impermeáveis e seguiram até aingir o alvo da sua jornada. Aí, levantaram toldos, fizeram a cozinha e deliciaram-se com saborosas omeletes, sempre com o mesmo entusiasmo.

Boa caça para estes dois grupos.

Reunião Escoteira

Na sede do Grupo, efectuou-se uma reunião de confraternização, durante a qual o Chefe João Lobo Trigueiros fez entrega de insígnias aos seguintes escoteiros:

Ao caminheiro José António da Silva, insígnias de seis capacidades e o respectivo *cordão de mérito*; e ao escoteiro José João Alves Sara a insígnia de 2.ª classe, seis insígnias de capacidades e o respectivo *cordão de mérito*.

A reunião terminou num ambiente de amizade, com canções escoteiras.

JOANSI

(viu e divulgou)

Aprenda a lutar contra o fogo

Tome nota destes conselhos, quanto a nós preciosos, para que seja uma realidade a luta contra o fogo.

Lâmpadas eléctricas

O calor irradiado pelas lâmpadas eléctricas é suficiente para provocar fogo num quebra-luz improvisado que se faça com um papel enrolado à própria lâmpada.

Velas

São numerosos os fogos causados pelo emprego de velas. Use lanternas accionadas por meio de pilhas quando tenha de iluminar locais onde não haja corrente eléctrica.

Cinzas

Quando as cinzas do fogão da sala estão ainda quentes podem incendiar qualquer objecto inflamável que esteja em contacto. Coloque sempre as cinzas quentes em recipientes apropriados. No campo, não cubra com terra as cinzas da fogueira sem que previamente se tenha assegurado que estão bem apagadas. O fogo pode permanecer e irromper à superfície.

Cinzeiros

Se as cinzas dos cigarros incandescentes caírem sobre o vestuário podem causar estragos. Tenha sempre junto dos fumadores cinzeiros grandes.

Cigarros

Os cigarros são uma das causas mais frequentes de incêndio. Recorde que: não deve fumar na cama; não deve fumar nos locais assinalados como interditos. Melhor será não fumar nunca, evitará todos estes perigos e protegerá a saúde.

Laca

A laca para os cabelos pode ser inflamável. Não vaporize com laca os seus cabelos em locais onde haja chama.

Quando a roupa se incendeia

Instintivamente, a vítima tem tendência para correr, o que faz com que as chamas aumentem. Para o evitar, é necessário provocar a queda do acidentado por qualquer meio: empurrão, rasteira, etc.

Procura-se depois envolvê-lo com uma manta. Uma vez envolvido, terá de proteger-se a cabeça, mas sem a envolver, pois corria-se o perigo da asfixia por inalação de gases.

Para apagar o fogo, no caso de não existir um extintor perto, emprega-se água ou areia.

A água tem a vantagem de poder rodar-se a vítima sobre o charco formado.

Adaptado do Boletim Mensal do Centro de Prevenção e Segurança.

OS 60 ANOS DO GRUPO N.º 2

Continuação da pág. 5

neralidade, a todos os deficientes, grande espírito de independência. Uma coisa muito importante no aspecto educativo é a sede do grupo. A casa dos pais é uma coisa, a Instituição é outra, mas formam a sede como se fora a sua própria casa. Há certo tempo, concederam-nos um barracão cheio de grandes buracos e todo sujo para sede dos atrasados. Pois bem, quando eles souberam que aquilo iria ser seu, para espanto nosso, no dia em que tomámos posse do barracão, já eles tinham terraplanado o chão, enchendo-o de entulho».

O ASSUNTO DESCOLA-SE PARA OS SURDOS-MUDOS

Professor C. A.: — «Tenho uma palavra a dizer sobre este assunto: quando estava no Instituto, sentimos necessidade de dar aos alunos uma série de actividades complementares e essa foi o escotismo. Do movimento, apenas conhecia o entusiasmo dos meus filhos, um escoteiro e uma guia. Apressei-me a tomar melhor contacto com o assunto e não sou escoteiro, nem o fui, mas actualmente vivo o espírito do escotismo».

D. Elsa Viegas: — «Os deficientes surdos-mudos estão muito limitados na vida. Das distracções normais apenas o cinema ou a T. V., em filmes portugueses ou estrangeiros, lhes podem despertar interesse. Por isso, o programa escotista é muito valioso, dado que lhes pode proporcionar maiores cambiantes de distracção. Não trabalho propriamente em escotismo. Esse capítulo é do chefe Félix Bragança».

Chefe F. B.: — «Trabalhei com 15 rapazes e obtive resultados, apesar de sentir dificuldades em cooperação. Nota-se a dificuldade da falta de sede, sem a qual não é fácil fazer um trabalho completo».

Chefe M. L.: — «Gostaria de dar um exemplo sobre o trabalho que levámos a efeito com os surdos. De facto, eles compenetraram-se extraordinariamente da vida social do escotismo, pois nas duas últimas campanhas de Natal tiveram papel preponderante no contacto com as pessoas e na recolha das ofertas, o que demonstra que estão aptos para qualquer serviço».

Prof. C. A.: — «Por tudo o que se afirmou neste colóquio, verifica-se que o Escotismo é extraordinariamente válido na educação dos deficientes e pode ser extensivo a toda a classe de deficientes. Gostaria de ler, antes de respondermos às perguntas da assistência, uma carta do III Seminário sobre a Infância Excepsional (deficiente) que se realizou em S. Paulo no Brasil, e é dirigida à União dos Escoteiros do Brasil:

«Sr. Presidente da União dos Escoteiros do Brasil:

«Temos o prazer de comunicar-lhe que o III Seminário sobre a Infância Excepcional organizado pela Sociedade Pestalozzi de S. Paulo, reunindo em uma semana de estudos, 128 técnicos em educação, tais como médicos, psicólogos, assistentes sociais, educadores, etc., aprovou, em sua sessão plenária, por aclamação, a seguinte moção, que passamos a transcrever:

«Considerando:

«Que é finalidade da U. E. B. a educação integral da criança e o serviço ao próximo;

«Que nos trabalhos de conclusão das diversas comissões reunidas no III Seminário sobre a Infância Excepcional, se cita o Escotismo como exemplo de actividade educativa e de reajustamento;

«Propomos:

«Que seja enviada uma moção à U. E. B. no sentido de que promova a formação de chefes capacitados a receberem crianças excepcionais nas suas companhias, ressaltando o grande benefício do serviço que a estas seria prestado»;

«Esta moção foi aclamada pelo plenário, e é com grande satisfação que vimos, agora, comunicar-lhe o facto, na certeza de que a criança excepcional brasileira, capacitada a frequentar o Escotismo, receberá todo o apoio e compreensão desse excelente movimento educacional.

«Aproveitando o ensejo para apresentar-lhe os nossos votos de consideração e apreço, subscrevemos atenciosamente

(a) Dr. José Maria Feitas
pela Comissão Central»

Depois da leitura daquele interessante documento seguiram-se algumas perguntas e opiniões por parte da assistência, entre as quais destacamos as seguintes:

Chefe Vítor Brado: — «Gostaria saber o que fazer quando um atrasado está excitado, isto é, como devemos lidar com os rapazes nessa altura».

Chefe M. L.: — «O ambiente dentro de quatro paredes é sempre pouco propício quando os rapazes estão nesse estado de espírito. Numa saída ao campo ou dar-lhes tarefas que os ocupem, fá-los acalmar imenso».

D. Aida Roque: — «Uma vez que o senhor é chefe de escoteiros, acho que deve entrar em contacto com a equipa especializada do Instituto para que possa receber indicações úteis ao seu trabalho».

D. Noémia Brito (voluntária ao serviço de deficientes): «Há muito que fazer neste campo de trabalho. Acho que todos poderiam dar um pouco de si mesmos e fazer um pouco de esforço para trabalhar com deficientes, ainda que fosse apenas uma hora por mês. Eu trabalho um pouco com os cegos e sinto que eles gostam de ser acompanhados por pessoas que lhes transmitam as coisas tais quais elas aparecem aos nossos olhos. Acho que é uma grande recompensa sentir-se o prazer que os cegos têm ao saber a cor, o cheiro, duma flor ou de um animal».

Dr. Correia Barros: — «Em escotismo, sou leigo, e muita coisa aprendi neste colóquio, sobretudo, concluí que, para o caso dos deficientes o escotismo tem que ser associado com todas as acções do Instituto onde estiver colocado. Isto é, tem que ser integrado no trabalho do Instituto.

«Para que o trabalho seja feito em profundidade, há necessidade premente de que os dirigentes escoteiros trabalhem de mãos dadas com directores, professores e técnicos dos diversos ramos de deficientes, sem o que o seu trabalho de nada valerá.

«O trabalho escotista dará mais frutos se os chefes de escoteiros conhecerem o meio que pisam. Ainda há pouco alguém falou que precisava de improvisar para trabalhar com cegos. Pessoalmente sou contra todas as espécies de improvisações, pois verifico que o fim a atingir se retarda imenso. Se os chefes conhecerem técnicas de trabalho com os insuficientes, poderão levar a bom termo e sem preocupações o seu programa escotista.

«Verifico que o trabalho escotista é de muito interesse e por isso gostaria que as equipas de escoteiros fossem apoiadas por equipas técnicas e juntos desenvolvessem um programa de acção».

Carlos Alberto Rodrigues (escoteiro cego): «Falou-se muito de improvisação. Uns concordaram, outros não. Eu, como cego, concordo que a improvisação também faz falta. Quando fui estudar para Francisco Arruda, o professor de matemática não sabia lidar com cegos. Logo teve que improvisar a maneira de me ensinar e eu improvisei a forma de o captar e... entendemo-nos».

Prof. C. A.: — «Concorda, porém, que, se o seu professor tivesse sido ensinado a lidar com cegos, o trabalho seria mais rápido?»

C. R.: — «Concordo, mas não deixou de ter, por isso, menos valor o ensino...»

Repórter do S. P.: — «Muito se tem falado neste colóquio de escotismo dentro das instituições de deficientes, mas acho que se está a descansar um pouco a informação para o grande público. Isto vem a propósito de um comentário, jocoso e infeliz, da parte de transeuntes, que ouvimos e nos deixou contristados, quando há uns tempos saíamos duma festa em que apareciam lobitos cegos. Creio que o público ainda não se apercebeu da grandiosidade desta obra e acho que se deveria fazer bastante propaganda através dos meios mais diversos, fazendo ouvir opiniões de deficientes, de professores e técnicos».

Prof. C. A.: — «Finalizámos este interessante colóquio e acho que todas as pessoas têm por obrigação dinamizar o escotismo nas instituições de deficientes onde ele existe e fazer a sua integração onde ele não exista, porque, sem sombra de dúvida é um bem para a educação da juventude».

Depois de terminado o colóquio, seguiu-se uma merenda em que participaram todos os presentes.

Reportagem de *Armando Inácio*

DE SINTRA

Nova sede do Grupo N.º 93

Os Escoteiros de Portugal do «93» acabam de mudar de sede, tendo deixado o Palácio Valmor, onde permaneceram vários anos e onde tantas vezes receberam os seus amigos.

O edifício deixou de pertencer à Câmara Municipal de Sintra, razão pela qual o Grupo teve de o abandonar no dia 30 de Abril último, criando o problema difícil de obter novo local.

Os Dirigentes lançaram-se na busca de novas instalações e se não fora o amor ao Escotismo e ao Grupo 93 do Presidente da Câmara Municipal, sr. António José Pereira Forjaz, antigo escoteiro, não se veria maneira de solucionar a dificuldade.

A Câmara Municipal, porém, através do seu Presidente, pôs provisoriamente à disposição dos Escoteiros o edifício de sua propriedade junto à Avenida dos Combatentes, Rua Gomes de Amorim, 12 e 14, para onde imediatamente se fez a mudança, iniciando-se os trabalhos de adaptação.

Resolvido o problema do local, a somar-se à acção preciosa do ilustre presidente do município, recebeu o Grupo grande auxílio dos srs. Eng.º José M. Nobre Santos, escoteiro-chefe-geral adjunto, e João Fulberto Guerra Silva, chefe do Grupo n.º 22, do Cacém.

C.



Grã-Bretanha

Após a realização de cinco espectáculos anuais de Folclore, organizados por cantores e músicos escoteiros e guias, que têm a colaboração de organismos folclóricos locais, a associação escotista pôde elaborar uma lista de jovens cantores e músicos de talento. Estes nomes foram agora publicados numa lista de artistas folclóricos editada pela associação, a qual permite aos organizadores de manifestações folclóricas contactar com estes grupos, que podem desta forma dar-se melhor a conhecer e aperfeiçoar as suas interpretações.

Hong-Kong

Quando chuvas torrenciais se abateram sobre esta cidade, causando desprendimentos de terrenos, arrastando casas e originando outros importantes estragos, mais de 500 escoteiros se apresentaram ao apelo que foi lançado. Sob a direcção de um centro de coordenação para casos de urgência, instalado na sede da associação escotista, os escoteiros participaram nas operações de socorro e de distribuição de comida, vestuário, cobertores e de ajuda financeira aos sobreviventes.

Nova Zelândia

Por motivo do aparecimento, cada vez em maior número, de jovens que desejam pertencer ao movimento escotista, a falta de dirigentes escotistas é bastante notória. Os escoteiros do Distrito Escotista de Waitemata decidiram, por isso, promover uma campanha de recrutamento em grande escala, chamando para o facto a atenção da população local. Várias exposições foram organizadas e os lobitos, escoteiros e caminheiros fizeram diversas demonstrações ao ar livre: corridas, cozinhas de campo, actividades de pioneirismo e ginásticas, competições várias e provas de natação. O número final foi confiado aos membros do clube de pára-quedismo local, que se lançaram de aviões, empunhando archotes acesos.

A rádio e a televisão dedicaram largo tempo à manifestação.

Resultado: recrutamento de 53 chefes e formação de 5 novos grupos.

Togo

Os escoteiros do colégio Chaminade de Lama-Kara organizaram um acampamento de quatro dias, com o fim de traçar uma nova pista através do mato. Munidos de material um pouco estranho e defendo-se das serpentes e dos escorpiões, os escoteiros conseguiram desbravar o mato, destruíram numerosos rochedos que barravam a passagem e acabaram por nivelar uma nova pista de 12 km de extensão.

Estados Unidos da América

Um serviço de primeiros socorros é uma actividade muito tradicional dos escoteiros de todo o mundo. Todavia, o Explorer Post 53, de Darien, no Connecticut, parece ter ido além do que é costume fazer-se, neste domínio. Constituído em 1970, o grupo decidiu formar um posto de socorros, para o que juntaram 250 dólares para comprar um velho camião, o qual foi transformado em ambulância, no que gastaram mais 4 000 dólares e numerosas horas de trabalho. Agora, desde as 18 horas de um dia às 6 do seguinte, uma equipa devidamente preparada está pronta a intervir em qualquer emergência. Até há pouco tempo, já tinha respondido a mais de cem pedidos de socorro: intoxicações causadas por drogas, acidentes de circulação, incêndios, ataques cardíacos, etc. Os seus 40 membros (13 raparigas e 27 rapazes), levam a cabo o patrulhamento em esqui e dão lições de natação a escoteiros e a membros doutros agrupamentos de juventude. Outras actividades: treino de voluntários dum serviço de ambulâncias para uma cidade vizinha e até a participação em cursos de formação de agentes de polícia em casos de urgência.

Canadá

Uma igreja de Vancouver foi destruída recentemente por um fogo. Quando, no domingo seguinte, os paroquianos se reuniram para o culto matinal, foram agradavelmente surpreendidos por um som que lhes era muito familiar: o toque do sino. Mas como poderia isso acontecer, se o sino tinha caído do campanário, durante o incêndio? A explicação estava no facto de os caminheiros do grupo de escoteiros patrocinado pela igreja terem encontrado o sino e o haverem colocado de novo no seu lugar em estado de poder funcionar.

Costa do Marfim

Durante as férias do Natal, os escoteiros do distrito de Bandama construíram um mercado coberto em Doukouya. Sem paredes, mas com o chão betonado e telhado de chapa ondulada, estes abrigos permitem que o povo possa ter o seu mercado durante a estação das chuvas e protegem os alimentos dos raios de sol. Trata-se de um importante serviço prestado à comunidade.

ANGOLA? PRESENTE!

Escoteiros do Lobito visitaram o Grupo de Benguela

Numa madrugada de Março passado, escoteiros do Grupo 40, do Lobito, foram de caminhada até Benguela, tendo participado na jornada o chefe de tribo Raposo, a chefe Lisete, o caminheiro João, o guia da patrulha Leão, Samuel; subguia de equipa Mário, os escoteiros Nelson e Alberto, e ainda as guias Noémia, Rute e Angelina.

Os rapazes dormiram na sede, tendo partido às 4 horas, acompanhados pelo tesoureiro do Grupo, com carro de apoio. O percurso de 37 km foi feito debaixo de chuva torrencial, tendo chegado a Benguela às 9.30 horas da manhã, onde já eram aguardados pelo Chefe Manuel Pereira. O dia foi empregado em diversos actos de confraternização com os irmãos-escoteiros do Grupo 39. Os visitantes regressaram ao Lobito à noite, utilizando vários meios de transporte.

J. Raposo

IMPRENSA ESCOTISTA

BRASIL

«O GUIA» do 86.º G. E. David Barros, Rio de Janeiro

Recebemos mais um número daquele nosso colega brasileiro que, como sempre, insere nas suas colunas variado noticiário sobre os grupos de escoteiros portugueses.

« O IGUAÇÚ » do G. E. João Gaspar Guedes, Paraná

Tivemos também a visita do n.º 9 deste interessante jornalzinho copiografado que se dedica a provas de adestramento e noticiário escoteiro e que na sua nota de redacção afirma a dado passo: « Procuramos progredir não fugindo, contudo, aos nossos princípios de uma divulgação sadia e correcta... ».

«NHEENGABA» do Grupo Escoteiro «Duque de Caxias» distrito 315 — Promissão, São Paulo

Lemos com satisfação o n.º 8 deste jornalzinho que tanto cunho escotista contém nas suas páginas e que nos faz recordar o nosso começo em jornais escotistas de patrulha.

ESPANHA

Recebemos o boletim n.º 70 dos Exploradores de Espanha que, como sempre, apesar de interiormente ser copiografado, tem sugestiva apresentação gráfica.

PORTUGAL

« ENCONTRO » C. N. E., Santarém

Lemos mais um número deste interessante boletim, que consegue, apesar de copiografado, inserir boas fotografias com que ilustra artigos de bastante interesse para a juventude.

« SEMPRE PRONTO » dos escoteiros Ismailitas, Moçambique

O n.º 4, de Agosto/Outubro, vem, como habitualmente, muito cuidado e respeito de interesse. Agradecemos e retribuímos as boas venturas que nos desejaram.

« FLOR DE LIS », órgão oficial do C. N. E.

Temos presente os números de Março e Abril desta revista.

É com grande alegria que verificamos que este nosso colega, que atravessou grave crise, se apresenta agora com alma renovada, dando-nos conta da actividade dos grupos do C. N. E., em vários locais, e preparando também o entusiasmo dos rapazes para o XIV Acampamento Nacional daquela associação, que se vai realizar na Mata de Marrazes, em Leiria.

A importância do Escotismo na educação em geral e na educação dos dificientes em particular

PELO PROFESSOR CARLOS PINHO ASCENSÃO

É evidente e indiscutível a importância deste movimento na educação da infância e da juventude.

Julgo que as razões são por todos conhecidas:

— O espírito de sacrifício e de entreajuda;
— a noção de responsabilidade;
— a iniciativa pessoal;
— o espírito de grupo;
— a aprendizagem pela acção ou o «aprender fazendo»;
— a ajuda aos mais fracos;
— o sentido comunitário ou o «fazer com os outros»;
— a actividade física e a vida ao ar livre;
— o contacto com a natureza ou o retorno à «mãe natureza», tão ultrajada nos últimos tempos com as diversas formas de poluição, são alguns valores muito objectivos do escotismo que fazem dele uma autêntica escola de formação. Se procurássemos inventariar os seus resultados ao longo dos anos — desde Baden-Powell — encontraríamos uma grandiosa marcha de «valentes» que, valorizando-se, dignificaram as pátrias onde nasceram.

Se é indiscutível a importância do escotismo na educação da infância e da juventude ditas normais, com maioria de razão o é na educação dos deficientes, sejam eles deficientes motores, sensoriais, mentais ou outros.

Esta importância advém-lhe, em primeiro lugar, do simples facto de ser uma actividade de normais posta ao alcance dos deficientes. Sempre que actividades de normais se tornam acessíveis aos deficientes (embora com as necessárias adaptações), estes sentem-se reconhecidos como «gente» e isto mesmo os faz crescer aos seus olhos e aos olhos dos outros.

Nenhuma conquista de um direito, por mais insignificante que pareça, lhes é indiferente.

É bom pensarmos que toda a criança ou jovem deficiente é, antes de mais, uma pessoa igual às outras em direitos e deveres. E, por isso mesmo, nós devemos ver primeiro a pessoa e só depois o deficiente.

Mas voltemos ao escotismo.

A importância do escotismo na educação do deficiente manifesta-se, salvo melhor opinião, a três níveis:

a) a nível individual,
b) a nível grupal,
c) a nível comunitário.

a) A prática das diversas acções a que o escotismo obriga, dá ao deficiente que as executa, a verdadeira medida das suas capacidades de realização.

Não mais se considera um inválido ou um inútil, porque também ele é capaz de fazer coisas, mesmo que não veja, não ouça, não ande ou tenha uma inteligência abaixo da média.

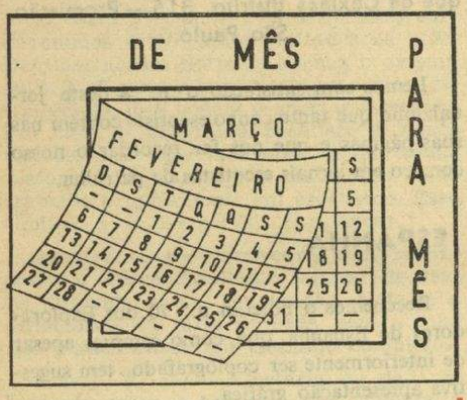
b) Se um dos factores que pesam negativamente no processo educativo do deficiente é a sua tendência para o isolamento (tendem a viver mais para dentro do que para fora), a prática do escotismo vem contrariar esta tendência, proporcionando-lhe vida e acção em grupo, direi antes em grupos — grupos com outros deficientes e grupos com deficientes e normais.

c) Desta prática em grupos restritos, facilmente se chega ao grupo maior que é a comunidade onde o deficiente tem de viver. A desinibição por parte do deficiente, a que necessariamente conduz a actividade polimorfa do escotismo e a sua aceitação por parte de outros camaradas não deficientes, são dois pontos de muita valia para uma perfeita integração social — meta que se pretende atingir.

Conclui-se já, universalmente, que as técnicas, só por si, não resolverão o problema educativo do deficiente.

Nem do deficiente, nem do normal.

Há, pois, que dar a maior relevância a actividades complementares, entre as quais se destaca, sem favor, mas com provas, o escotismo.



REALIZAR!



Um colóquio recentemente realizado serviu para revelar o interesse que o Escotismo de Extensão está despertando entre educadores. Interesse merecido, porque em toda a parte este ramo do Movimento tem prestado serviços que despertam iguais entusiasmos entre aqueles que devotaram o seu saber e as suas vidas na formação de jovens deficientes. Abrem-se, portanto, vias por onde o Escotismo pode prestar e está prestando relevantes serviços.

Entretanto, um novo grupo de escoteiros acaba de surgir no Bairro da Cruz Vermelha, em Lisboa, fruto da acção de uma unidade dos Escoteiros de Portugal.

Dois casos diferentes, portanto, mas ambos fruto de iniciativas isoladas, lutando com dificuldades, carecendo de apoio, realizando obra a despeito da escassez de meios de acção.

Isto leva-nos a imaginar a obra válida que se poderia promover se pudéssemos dispor de programas, de órgãos de trabalho, de iniciativas bem coordenadas, de mais dirigentes que sentissem o Escotismo e os seus objectivos e se devotassem à tarefa de bem servir.

A PROPÓSITO DE FILATELIA

UMA GRANDE «DESCOBERTA»!

O nosso estimado assinante sr. Fernando Gomes Carrão participou em Aveiro na LUBRAPEX, exposição filatélica luso-brasileira, que teve apreciável relevo. O nosso assinante apresentou a sua valiosa colecção temática, designada ESCOTISMO, mas que, contra sua vontade, foi ali designada ESCUTISMO, o que, afinal, não tem demasiada importância, visto serem duas palavras diferentes que referem o mesmo movimento educativo.

Pois apesar da grafia com «U», o sr. Davide Maurício da Costa Carvalho dá conta na revista da Associação Portuguesa de Filatelia Temática de uma genial «descoberta». Diz ele: Escutismo, Fernando Gomes Carrão. Segundo julgamos saber, Escutismo, título desta participação, é a teoria professada por João Duns Escoto, filósofo irlandês. (...) *E conclui:* Se em outros tempos, se escreveu com grafia idêntica ambas as palavras, desconheço, mas actualmente, pelo menos, existe diferenciação.

Não percebemos esta explicação final, mas devemos esclarecer o sr. Costa Carvalho que a tal doutrina, coisa do conhecimento apenas dos especialistas, não é Escutismo, *mas sim* Escotismo. *Surpreende-nos no entanto que o autor do comentário, em face da colecção temática exposta, não tivesse descoberto que Escutismo deveria ser alguma coisa mais e de notável importância, dada o número de países que lhe tinham dedicado os seus selos. Qualquer dicionário onde encontraria o significado da tal doutrina do Escoto, lhe diria também que ESCOTEIRO, em bom português,* é aquele que viaja sem bagagem. ligeiro, *e que esta designação foi dada aos membros de um movimento educativo por cujas fileiras em Portugal já passaram algumas dezenas de milhares de rapazes. Ficaria sabendo ainda que* Escuteiro, *com u, nada tem com a doutrina filosófica, é uma palavra derivada de* escuta *e designa igualmente os membros do mesmo movimento educativo. Mas como a Exposição era Luso-Brasileira conviria saber que no Brasil só se escreve ESCOTEIRO, a única grafia que justifica a pronúncia ali usada, que diz* escôteiro. *Portanto, parece que, tratando-se de um certame que integrava os dois países, a grafia preferida seria esta, embora o sr. Costa Carvalho pareça não gostar de palavras homónimas.*

SEMPRE PRONTO — Propriedade do Círculo Fraternal de Cooperação Escotista

Director, Editor e Administrador — EDUARDO RIBEIRO
Director-Adjunto — JOEL RIBEIRO

Equipa de Redacção:
MARIANO GARCIA
ARMANDO INÁCIO
JOAQUIM MANUEL A. OLIVEIRA

Equipa de Administração:
CAPITOLINO FERREIRA MACEDO
ERNESTO CLÍMACO DO NASCIMENTO
LUÍS GARCIA

Número avulso: 2$50 — Assinatura anual: 30$00